

Linguística e Literatura Marginal: linguagens em disputa

Há momentos em que uma revista científica deixa de ser apenas um espaço de divulgação do conhecimento para tornar-se um território de disputa, uma fronteira, um movimento de construção de saberes ou mesmo um comportamento de produção de subjetividades. E, nesse sentido, este número da *Revista Fios de Letras* nasce exatamente desses lugares: da convicção de que a ciência da linguagem e os estudos literários não podem permanecer indiferentes às vozes historicamente empurradas para as margens, mas se trata de um movimento em que tais vozes se manifestam e promovem saberes a partir das suas vivências e produções de diferenças, como alerta Jota Mombaça (2021).

As margens enquanto lugares de resistência, entretanto, nunca foram espaços de silêncio. São espaços cujas invenções, recriações, apropriações e modos vida são desenvolvidos constantemente como formas de luta, entendendo assim as dinâmicas de existência que são forjadas contextualmente, como defende Moita Lopes (2022), de acordo com as dimensões interseccionais que atravessam os/as sujeitos/as. Logo, produzimos formas de vida, quando se trata de populações específicas, às margens.

Enquanto os centros legitimavam determinadas formas de falar, escrever, pesquisar e produzir arte, inúmeras comunidades transformavam a linguagem em estratégia de sobrevivência, resistência e criação. Nas periferias urbanas, nos territórios amazônicos, nas aldeias indígenas, nos quilombos, nos corpos dissidentes, nas narrativas LGBTQIAPN+, nas vozes negras, nas culturas populares e nas múltiplas experiências da diferença, a linguagem sempre continuou produzindo mundos, de modo que se associa às práticas sociais.

É justamente esse movimento que este dossiê pretende evidenciar, oportunizando “uma comunidade de vida” (Mbembe, 2025): a fim de reinventar formas de viver-em-comum. Sendo assim, as discussões aqui empreendidas pelos/as autores/as apontam para formas de viver-em-comum por meio de estratégias individuais e coletivas à luz da Linguística e Literatura marginais. Portanto, vale muito à pena conhecer.

Falar em Linguística e Literatura Marginal não significa estudar aquilo que estaria fora do conhecimento científico. Ao contrário. Significa sobretudo reconhecer que

muitas das transformações mais profundas que se revelam a partir das práticas sociais de linguagem surgem precisamente onde os discursos oficiais insistiram em não olhar. A margem, aqui, deixa de representar ausência para assumir seu verdadeiro lugar: o de laboratório permanente da criatividade humana.

Os trabalhos reunidos nesta edição demonstram essa potência ao abordar diferentes objetos, perspectivas teóricas e experiências sociais. Encontramos discussões sobre epistemologias decoloniais e Teoria Etno-Queer, análises do pajubá como linguagem de resistência, reflexões sobre literatura amazonense, erotismo, memória, oralidade, internetês, toponímia, RPG, cultura popular e tantas outras formas pelas quais a linguagem reinventa continuamente a vida social.

Mais do que reunir pesquisas diversas, este número evidencia um ponto comum: nenhuma linguagem é neutra. Toda forma de dizer carrega histórias, disputas, pertencimentos e projetos de sociedade. Quando determinadas variedades linguísticas são invisibilizadas, quando certas literaturas permanecem fora dos currículos ou quando determinados sujeitos são impedidos de ocupar os espaços de produção científica, não estamos diante de uma simples escolha metodológica, estamos diante de relações de poder.

Por isso, este dossiê é uma provocação ao/à leitor/a a deslocar o olhar. Isso mesmo, deslocar o olhar diante do que está pronto – *status quo* – entender que as coisas não estão prontas, mas são colocadas em um lugar cuja reflexão precisa existir. Nessa perspectiva, Silva (2025), imerso nas análises contemporâneas a respeito da orquestra discursiva da extrema-direita quanto aos ataques aos direitos humanos, nos alerta social e politicamente que por meio da linguagem precisamos nos reconhecer em processos de política que promovam a diversidade, a inclusão e o respeito às subjetividades.

Aqui, a periferia deixa de ser periferia.

O Norte deixa de ser apenas um ponto cardeal.

A oralidade deixa de ocupar um lugar secundário em relação à escrita.

Dessa forma, as identidades em dissidência deixam de ser notas de rodapé para ocupar o centro do debate acadêmico-científico (ocupando lugares de protagonismos), evidenciando e provocando novas problematizações de vida, de existência, de luta, de lugares, de saberes e de produção do conhecimento.

Tal movimento exige também outro compromisso: produzir conhecimento sem abrir mão do rigor científico, mas igualmente sem abrir mão da sensibilidade política, em que as rachaduras e fissuras são importantes para as reflexões empreendidas nos textos que seguem. Fazer ciência, portanto, não significa neutralizar os conflitos do mundo,

intenta politicamente compreendê-los com profundidade suficiente para produzir novas formas de interpretação da realidade.

Nesse sentido, a *Revista Fios de Letras* reafirma seu compromisso com uma ciência aberta ao diálogo interdisciplinar, à pluralidade epistemológica e às diferentes formas de produção do conhecimento. A diversidade de abordagens presentes nesta edição demonstra que a Linguística e a Literatura continuam sendo campos vivos, em constante transformação, capazes de dialogar com as urgências do nosso tempo.

Aos/às pesquisadores/as, professores/as, estudantes e leitores/as que percorrerão as próximas páginas, desejamos que cada artigo provoque inquietações, amplie horizontes e inspire novas pesquisas. Afinal, toda ciência que se propõe a compreender a linguagem precisa, antes de tudo, estar disposta a ouvir aquilo que durante muito tempo foi silenciado.

Porque as margens nunca foram o fim do caminho. Elas sempre foram o lugar onde novas linguagens começaram a nascer.

Boa leitura!

Referências

MBEMBE, Achille. **Democracia como comunidade de vida**. Tradução: Pedro Taam. São Paulo: n-1 edições, 2025.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Linguística aplicada indisciplinar com base em uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da (org.) **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022, p. 15-50.

SILVA, Danillo. **Guerras antigênero**: como a linguagem da extrema-direita está disputando os direitos humanos no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2025.

Prof. Dr. Humberto Soares da Silva Lima (IFAL)

E-mail: humberto.lima@ifal.edu.br / letrasbeto@gmail.com
